
III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia
Anais
Recife, 8 a 10 de setembro 2016
"Devoções religiosas e pluralismo cultural"

JOGADORES DE FUTEBOL: ARAUTOS DA DIÁSPORA DAS RELIGIÕES BRASILEIRAS*

Aluísio da Silva Ramos, UNICAP

Resumo

A religiosidade brasileira se apresenta de modos diversificados. É uma religiosidade hibrida. Ela tem sido admirada e aceita por várias partes do mundo. Um dos responsáveis por essa diáspora são os jogadores de futebol, que encanta as pessoas não só pela boa arte esportiva, mas também são admirados e seguidos no seu credo, conquistando assim, muitos fieis para o seu seguimento religioso. Esta comunicação tem como objetivo apresentar a expansão das religiões brasileiras pelo mundo e sua contribuição na reconfiguração das religiões no cenário mundial atual.

Palavras-chaves: Futebol. Diáspora. Religiões Brasileiras.

Introdução

O dado antropológico do ser humano como ser transcendente, portanto, ser aberto ao infinito, é o que justifica o conceito de ser religioso, para além de outros tantos atributos que se possam acrescentar ou verificar na pessoa. Na sua condição de transcendente, o ser humano supera os outros seres deste mundo: ele os supera no pensamento, na liberdade, no trabalho, na palavra, na sociabilidade, na técnica, no divertimento e em inúmeras outras coisas. Ele é transcendente com relação a si mesmo: em tudo o que ele faz, diz, pensa, quer e deseja, ele não está nunca satisfeito com os fins já alcançados (B. MONDIM, 1980, p. 251).

Esse dado antropológico se revela nas várias formas de crenças e "liturgias" (cultos), variando em cada tempo, povo e cultura. Isso é percebido na história humana desde os primórdios (IVO PEDRO ORO, 2013, p. 9). Evidentemente não faltaram conflitos que marcaram os vários modos

* Trabalho apresentado no III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia, realizado entre os dias 8 e 10 de setembro de 2016, na UNICAP, Recife. GT 11 – Fenomenologias, história e religiões.

de expressão da transcendência durante todo o percurso histórico. Aqui e acolá houve sempre a tentativa de um modo de viver a transcendência querer se impor sobre outro. Isso gerou conflitos, guerras e mortes. Também não se pode negar o quanto esse dado antropológico da natureza humana fez com que houvesse maior equilíbrio e desenvolvimento na humanidade. A capacidade de transcendência e autotranscedência, está presente em todo ato sonhado e praticado na busca do bem para si e para os outros membros da humanidade.

Dada a delicada situação, na perspectiva religiosa, de uma maneira de expressar a condição mística de um grupo se sobrepor ao outro, inclusive sendo considerado como único caminho oficial de professar e manifestar a mística, em detrimento de outras infinitas maneiras, isso pode ter provocado e ainda provoca na convivência humana divisões e situações, delicadas que ferem as diferenças. E como resultado de um "cansaço" por causa do engessamento de um credo sobre os outros, no caso do Ocidente o Cristianismo de raiz católica sobretudo, tenha favorecido uma atitude de desclassificação por parte de intelectuais com relação a religião. Assim, constata-se que no auge das grandes descobertas cientificas e com o avanço do conhecimento humano sobre todas as áreas da vida, chegou-se a conclusão de que religião é coisa sem sentido, lenda, fabula e coisas do gênero. A cultura judaico cristã ocidental verá surgir no seu seio fenômenos como ateísmo, secularismo e agnosticismo. Nesta atmosfera de rejeição foram atingidas não somente as estruturas religiosas mas também as próprias estruturas mentais dos fiéis. Dá-se inicio, sobretudo a partir do século XIV e XV e se estende até o século XX, um crescimento da autonomia do ser humano, os grandes avanços científicos e a utilidade da razão para explicar o que antes cabia as crenças. A religião não chega a ser banida do horizonte humano tal como pretendiam os mestres da suspeita (Freud, Marx, Nietzsche). Esses, mesmo considerando o dado religioso como magico e supersticioso, consideram diante da força do elemento da transcendência como constitutivo da humanidade e buscam

outro modelo de Deus e de religião mais de acordo com a visão mecanicista de um físico tecnicamente perfeito, que provinha das novas ciências (CASTIÑERA, 1997, p. 26).

Segundo alguns dos grandes filósofos que pensaram essa mudança epocal, como Nietzsche, Heidegger e Wittgenstein, o sentido da história universal vai se desconstruindo e em seu lugar se edifica um novo: o da história individual, onde o sujeito responsável por esta responde a circunstancias históricas concretas, elaborando síntese sempre renovadas, não se regendo mais por normas fixas e sentidos permanentes (BINGEMER, 2013, p. 13).

O conceito de secularização e progresso ganha mais centralidade, pois o ser humano passa da condição de ser pensado por Deus para autonomamente ser pensado por si mesmo, espírito consciente de si mesmo, "já que, para quem pensa, o pensante é infinitamente mais próximo, mais presente e mais certo que o pensado" (CASTIÑERA, 1997, p. 41).

O ser humano passou a ser o centro de todas as decisões até quando se deu conta de que a razão iluminista percebeu que não dava conta de responder a todas as demandas apresentadas ou que foram surgindo. Na sua complexidade existencial, o ser humano abandona a estrutura rígida das religiões, bem como a estrutura rígida da razão instrumental e agora procura fazer o seu caminho independente de qualquer senso de pertença (BAUMAN 2002). A cultura individual passa a ser a cultura que cada um construiu para si e deseja seguir e não a da sociedade à qual o indivíduo, ou grupo, pertence e da qual faz ou deseja fazer parte. Ao mesmo tempo em que busca ser independente e livre, há um dado que parece tentar impor ao ser humano uma outra condição que é a de consumista. Na busca de um sentido que não foi satisfeita nem pela religião, nem pela razão, parece que o ser humano busca no consumo uma satisfação das suas aspirações. Nesta perspectiva, o ser humano passa a ser objeto de consumo e ao mesmo tempo consumidor. A lógica passa pela busca de consumir como caminho

para a felicidade. Felicidade que não foi conquistada nem pela religião nem pela razão. É o consumo a nova religião da humanidade. E nesta perspectiva, também a religião vira mercado e produto de consumo. Esse mecanismo de consumo em que tudo vira produto é resultado de um grande vazio existencial (LEPOVETZKI, 1985). É neste contexto de profundas mudanças que a religião está voltando com uma nova roupagem, e o ser humano está se revelando com mais força como um ser religioso. O religioso perpassa todas as camadas da sociedade e volta os cenários da vida cotidiana desde a politica, a economia, as artes, o futebol etc.

> "A renovação atual do interesse pela religião pode ser explicada, ao menos em parte, como reação a situação de desorientação generalizada provocadas, na sociedade contemporânea, pelo aumento de complexidade decorrente da acentuada diferenciação dos âmbitos de significado e pelo pluralismo das fontes de produção de valores e dos modelos culturais. Neste contexto, tanto os indivíduos quanto os grupos sociais têm dificuldade para achar referencias de sentido suficientemente unitários e coerentes e, por isso, são levados a procurar novas formas de integração e de identificação, cuja função é justamente reduzir a complexidade." (CRESPI, 1997, p. 9).

Feito esse recorte, passamos à análise das disposições do texto "*O "ovo do diabo": os jogadores de futebol como os novos missionários das religiões brasileiras*", de Carmem Rial (2016, p. 93-124).

O ovo do diabo: os jogadores de futebol como agentes multiplicadores do neopentecostalismo

Nos anos iniciais do século XX, o Brasil vivenciou o surgimento do movimento Neopentecostal. De origem americana, o marco inicial no país se deu com a formação da Congregação Cristã do Brasil e da Assembleia de Deus. A pretexto, portanto, de introduzir o tema, a autora, recorrendo às lições de Mariano (1995, p. 28), esclarece que movimentos pentecostais estão associados às igrejas mais tradicionais que, por assim dizer, aguardam um segundo advento de Jesus, o Cristo; ao passo em que, os

neopentecostais ocupam-se essencialmente de questões mais ligadas ao combate dualista entre Deus e o Diabo *et caterva*. Por hora, poderíamos afirmar, ainda que em apertada síntese, que essas diferenciações, mesmo que abordadas de maneira sucinta nesse singelo trabalho, são meramente pontuais, mas de infindável utilidade para compreensão da ideia a seguir.

Com o movimento neopentecostal em ascensão, muitas igrejas encontraram solo fértil para alavancar seus campos de atuação. Apesar de um sem número de denominações surgidas antes e ao longo desse período, Carmen Rial destaca a aparição e a atuação da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) que ganhou corpo nos idos de 1977 em diante. O progresso da IURD, em específico, se deve a uma combinação perfeita entre o uso oportuno dos meios de comunicação de massa, a disseminação de uma teologia voltada para a prosperidade (p. 102) e a logística mercadológica entre membros e concorrentes.

Para Rial, que mais uma vez se socorre das lições de Mariano, a IURD notabilizou-se por exportar seu modelo religioso para outras nações, invertendo a lógica vigente e até então vista como ordem natural de que o Brasil é campo de missões europeias e/ou americanas. Esse fato coincidiu curiosamente com a progressiva expatriação de brasileiros que, deixando o território, levaram consigo a semente neopentecostal de essência genuinamente brasileira. Logo, eis aqui a razão de ser da diáspora, tema recorrente no texto *sub examine, e* que, também, inegavelmente, se refere ao uso da mídia eletrônica para difusão da mensagem.

Situando a pesquisa no seu universo de atuação, a autora revela que entrevistou cerca de sessenta jogadores de futebol brasileiros, agentes propagadores da nova ordem pentecostal, além de seus séquitos que porventura poderiam contribuir com a coleta de dados. E, o personagem principal nesse panorama teórico é, de fato, o jogador Jorginho. Por outro lado, há que se ressaltar, igualmente, o interesse do jogador Kaká em se tornar pastor evangélico, mais especificamente da Igreja Renascer. Com a formação de pequenos grupos de oração, esses jogadores, novos

"sacerdotes de uma religião planetária" (p. 108), preparam-se para um futuro além do futebol, qual seja, a dedicação a um ministério religioso, atuando inclusive como pastores.

No contexto apresentado pela autora, os jogadores de futebol se apresentam como verdadeiros "garotos propaganda" de suas denominações religiosas. Essa plataforma política é decorrência da veneração mundial do futebol, que goza de admiração no mundo inteiro. Ao demonstrarem sua gratidão a Deus nas comemorações, malgrado os embargos opostos pela Federação Internacional de Futebol (FIFA), os jogadores, vistos pelo mundo inteiro ante a popularidade desse esporte, além de externarem suas crenças, atuam como genuínos "pastores globais do Cristianismo". Do mesmo modo, essa hegemonia religiosa se revela fora dos gramados e dos eventos futebolísticos, influenciando o comportamento dos jogadores que optam, nas comemorações, por uma atuação mais comedida, longe de festas, badalações e samba. Até mesmo a opção por determinados instrumentos musicais utilizados nas comemorações revela esse cenário de mudanças, proposto pela nova ordem pentecostal. Instrumentos antes associados aos cultos afro-brasileiros foram substituídos por instrumentos neutros ou até mesmo abandonados.

Em diáspora, os jogadores brasileiros levam consigo suas práticas pentecostais "made in Brazil", com todas as implicações daí decorrentes, sendo inegável a exportação de, pelo menos, três grupos de religiões: pentecostal, religiões afro-brasileiras e os novos pentecostais (neopentecostalismo). Nesse cenário, o contexto econômico aparece diluído e abordado como pano de fundo, vez que influenciou na emigração de cidadãos brasileiros para outros países, ante as crises vivenciadas nas últimas décadas. De mais a mais, conforme o pensamento da autora, essa doutrina da Teologia da Prosperidade é o alicerce das igrejas evangélicas que tiveram maior sucesso no Brasil. Para quem como Nietzsche imaginava que a modernidade e o individualismo acabariam com a religião, o neopentecostalismo apresenta-se como mais uma alternativa.

No caso dos jogadores analisados, a cosmologia neopentecostal mostrou-se nitidamente um refúgio, uma resposta capaz de integrar suas novas experiências (viver no exterior sem domínio da língua e dos costumes, sem o amparo da família, viver no "sacrifício", etc.) com novas esperanças de conforto e paz interior. Grosso modo, seria a possibilidade de viver, como milionários, sem qualquer sensação de culpa; posto que, segundo a ótica católica, nitidamente predominante, a pobreza é algo bom para o indivíduo porque o evangelho assim o diz. Por conseguinte, semelhantemente às ideias do Calvinismo, o neopentecostalismo faz das riquezas materiais uma prova de diálogo benevolente com Deus, dá a noção de um portar-se com menos rigor ascético, tão apregoado pelas igrejas mais tradicionais. Acima de tudo, a ideologia neopentecostal faz ressumar o esforço extraordinário desses atletas missionários de escapar ao nivelamento da morte e das nulidades que ela traz às fortunas.

O texto, embora contemporâneo e articulado, nos deixa sem maiores considerações sobre aspectos históricos das religiões em si, do protestantismo, da relação entre política e religião. Um outro problema que se verifica é a confusão recorrente de termos como religião, bem mais complexo e abrangente, e denominações religiosas, conceitos bem diferentes. Em alguns momentos, há um apagamento do viés científico do trabalho, especialmente quando a autora cede às próprias paixões, impondo seus pontos de vista e se afastando da equidistância temática que o texto requer. Não raro, há comprometimento, inclusive, de sua imparcialidade acadêmica e o próprio título corrobora isso quando associa a diáspora ao ovo/semente do diabo.

Conforme entendimento cediço, questões religiosas são rodeadas de linhas tênues, são campos de atuação de costumeira zona *gris* que exigem as cautelas necessárias. Fora isso, nada se menciona, por exemplo, acerca do pensamento de Max Weber que revolucionou o dualismo capital/religião com sua obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo,* a exceção do trocadilho mencionado alhures (A ética protestante e o espírito de jogar

futebol). O debate restar-se-ia enriquecido ainda mais se se considerasse a influência do pensamento weberiano sobre o surgimento das mais diversificadas seitas, salvo melhor juízo (p. 103). Em apertada síntese, podemos assegurar que Weber demonstra como crenças religiosas modificaram a visão cristã que se tinha da riqueza e como as seitas protestantes germinaram com a reforma protestante e com o espírito capitalista emergente. Já que a riqueza impulsiona as mais diversas motivações religiosas, a conduta dos jogadores e de suas representações neopentecostais impulsionaria o mercado das religiões, em diferentes ordens.

Ademais, diante do exposto, insta-nos concluir que o "novo" viés pentecostal ganha, no futebol, uma engenhosa forma de sustentar suas bases e, sobretudo, de disseminar seu desiderato. Apesar de mencionar especialmente as religiões neopentecostais, é nítido que outras denominações são diligentemente prestigiadas, como é o caso do catolicismo. O sinal da cruz é repetido diversas vezes, ao entrar e sair de campo, em comemorações, em defesas de pênaltis, etc.. O que se pretendeu, com o texto, foi explicar o recrudescimento vertiginoso de religiões neopentecostais sabe-se lá a que pretexto. Aliás, não há falar em religião, no real sentido da palavra, mas em vertentes religiosas que encontram, no cristianismo, suas bases. Sem qualquer comprometimento com a ascese e com um intento de fazer a ponte entre esporte e religião, ousamos afirmar que, de fato, há uma certa contradição e banalização da religiosidade nesses pequenos gestos praticados pelos jogadores ao exteriorizar, ao mesmo tempo, grande fervor e indisciplina dentro de campo.

A despeito disso, da leitura do texto, pode-se constatar que esse fenômeno religioso busca, na realidade, justificar seus próprios feitos mercadológicos sem culpa e sob desencargo de consciência. Apesar do manuseio lapidar das referências bibliográficas e da vasta pesquisa de campo, o texto, com seus vários argumentos de autoridade, lança luz sobre

algo impensado até então: o que há por trás dessas demonstrações de fé (ou pseudo fé?) dos jogadores que insistem em propalar sua crença em campo. O "ovo do diabo" seria, portanto, a semente neopentecostal?

Referências

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **O Mistério e o Mundo:** Paixão por Deus em tempos de descrença. Rio de Janeiro, Rocco, 2013.

CRESPI, Franco. **A experiência religiosa na pós-modernidade.** Bauru, SP: EDUSC, 1999.

DERRIDA, Jacques,; VATTIMO, Gianni (Org.). **A Religião.** São Paulo: Edições Liberdade, 2004.

MARIANO, R. **Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando**. 1995. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995

MESLIN, Michel. **Fundamentos de antropologia religiosa:** a experiência humana do divino. Petrópolis: vozes, 2014.

ORO, Ivo Pedro. **O fenômeno religioso:** como entender. São Paulo: Paulinas, 2013.

RIAL, Carmem Silvia. **O "ovo do Diabo" e os jogadores de futebol como pastores neopentecostais**. *In*: VASQUEZ, Manuel A.; ROCHA, Cristina. **A diáspora das religiões brasileiras**. São Paul: Ideias & Letras, 2016. P. 93-124.

ROCHA, Cristina,; VÁSQUEZ, Manuel A. **A Diáspora das religiões Brasileiras**. São Paulo: Ideias e Letras, 2016.

SILVEIRA, Emerson José Sena da,; SOFIATI, Flávio Munhoz (Org.). **Novas Leituras do Campo Religioso Brasileiro.** Editora Ideias & Letras, 2014.

TAYLOR, Charles. **Uma Era Secular**. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2010.

TEIXEIRA, Faustino (Org.). **Sociologia da Religião**: enfoques teóricos. Petrópolis: Vozes, 2011.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org.). **Religiões em Movimento:** o censo de 2010. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.